

# Prevalência da Displasia da Anca na Raça Perdigueiro Português



**Mário Ginja**

**Ana Santana**

**Sofia Alves-Pimenta**

Protocolo de cooperação



## Prevalência de displasia da anca no Perdigueiro Português

Mário Ginja<sup>1</sup>, Ana Santana<sup>2</sup>, Sofia Alves Pimenta<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Ciências Veterinárias-CITAB, UTAD, Vila Real

<sup>2</sup>Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa

<sup>3</sup>Departamento de Zootecnia-CITAB, UTAD, Vila Real

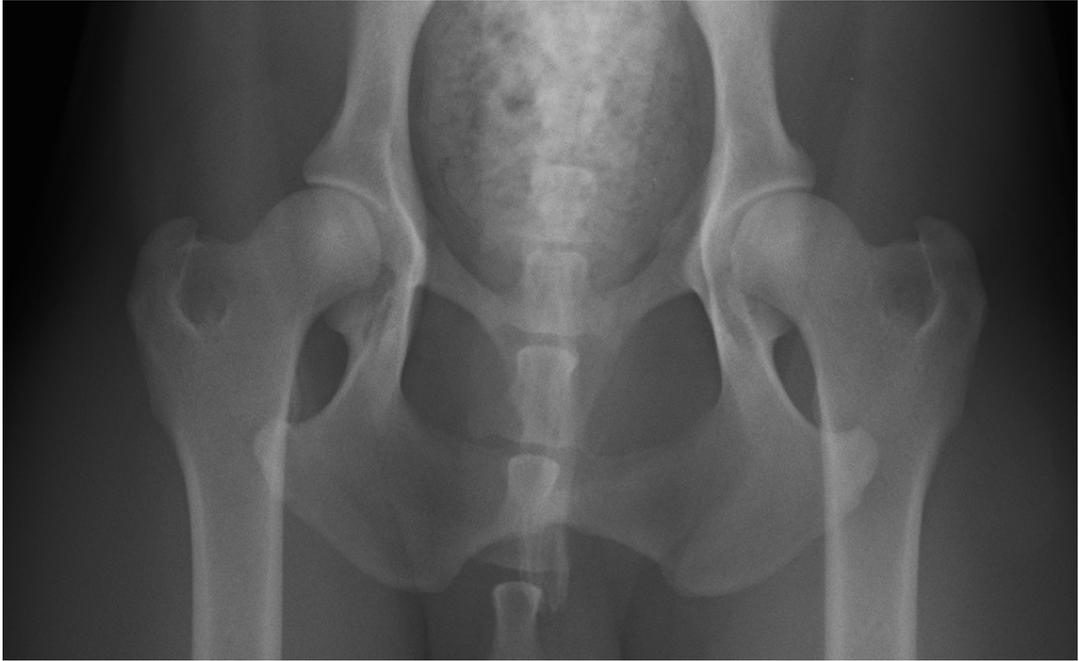
### Introdução

A **displasia da anca** no cão é uma doença hereditária de natureza **poligénica** (contribuição de muitos genes) e **aditiva** (quanto mais genes, maior a probabilidade de se evidenciar e de se desenvolverem formas moderadas e graves). Contudo, também são conhecidos **fatores ambientais**, como a **idade**, **alimentação** e **atividade física** que podem favorecer a manifestação da doença nos animais geneticamente predispostos. O diagnóstico molecular continua a não ser uma realidade e o diagnóstico radiográfico é a única forma de detetar os animais com a doença.

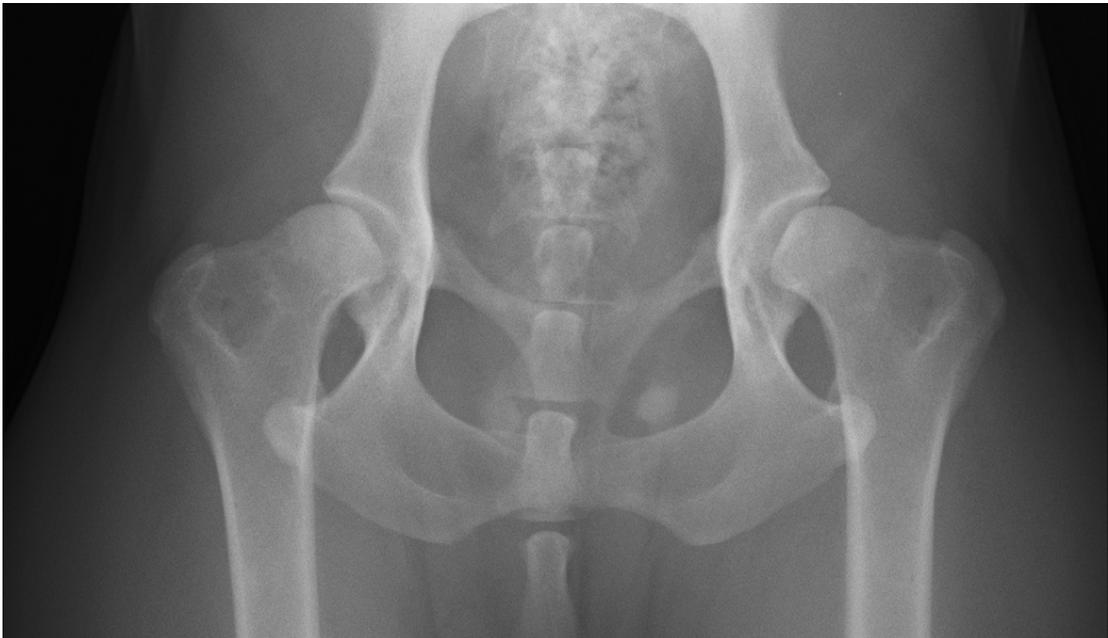
O diagnóstico radiográfico pode ser realizado a partir dos **4 meses** através de uma radiografia de stress em que é avaliada a lassitude articular que é o maior fator de risco para o desenvolvimento da displasia da anca (Fig. 1). O exame radiográfico mais comum na Europa é a projeção ventrodorsal com os fémures em extensão realizado a partir dos **12 meses** (18 meses raças grandes) em que se avaliam os sinais de osteoartrite e em Portugal os animais são classificados segundo as normas da Federação Cinológica Internacional (FCI) **em 5 categorias** usando como referência a pior articulação: A-ausência de displasia (Fig. 2); B-ancas quase normais; C-displasia ligeira; D-displasia moderada; E-displasia grave (Fig. 3). Neste trabalho pretendemos apresentar a prevalência de displasia da anca na raça Perdigueiro Português em que as articulações dos animais são classificadas segundo as normas da FCI.



**Figura 1-** Radiografia de stress de uma fêmea Perdigueiro Português com 8 meses de idade com elevada lassitude articular (separação da cabeça do fémur do acetábulo) com elevada predisposição para desenvolver displasia da anca.



**Figura 2-** Projeção ventrodorsal de um macho Perdigueiro Português 4 anos de idade com boa congruência articular (encaixe da cabeça do fêmur do acetábulo) sem sinais radiográficos de displasia da anca.



**Figura 3-** Projeção ventrodorsal de uma fêmea Perdigueiro Português 6 anos de idade com sinais radiográficos de displasia da anca moderada a grave. Cabeça do fêmur perdeu a sua forma esférica, colos do fêmur engrossados e com superfícies irregulares, e separada do acetábulo

## **Material e métodos**

Este trabalho tem por base dois protocolos de Cooperação estabelecidos entre a Associação do Perdigueiro Português com o Hospital Veterinário da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real) e com a Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Lusófona (Lisboa) para o despiste radiográfico da Displasia da Anca na raça Perdigueiro Português. Os animais foram recebidos nos Hospitais Veterinários Escolares destas instituições, foram sujeitos a sedação profunda e foi realizada a projeção ventrodorsal da bacia com os fêmures em extensão, paralelos e rodados medialmente. As radiografias obtidas foram classificadas segundo as normas da FCI numa das seguintes categorias, A, B, C, D ou E. Ao animal foi atribuída a classificação da pior articulação.

## **Resultados**

Neste estudo foram radiografados 85 animais, 41 machos e 44 fêmeas com peso médio de  $20,3 \pm 2,6$  Kg. A idade dos animais variou de 12 a 120 meses, média  $42,1 \pm 27,6$  meses. A classificação dos animais segundo as normas da FCI, tendo em consideração a pior articulação foi A 30,5% (26/85), B 34,1% (29/85), C 17,7% (15/85), D 16,5% (14/85) e E. 1,2% (1/85). Resultado numa prevalência de displasia da anca na raça de 35% (30/85).

## **Discussão**

A raça Perdigueiro Português encontra-se afetada com displasia na anca, pelo que se recomenda a monitorização da doença na raça e o seu controlo. Para efeitos de controlo recomendamos a radiografia dos animais e a utilização só dos melhores na reprodução. Uma vez que os animais A e B perfazem mais do que 50% da população a utilização exclusiva destes animais na reprodução parece-nos adequado e que não colocará em causa o património genético da raça.

O fato da idade média dos animais da amostra ser relativamente elevada (42 meses), favorece o aparecimento dos sinais radiográficos da doença e pode prejudicar a classificação final dos animais. Pelo que, estes resultados não devem ser comparados a outros que tenham origem em centros de certificação para onde por norma só são enviados os raios x dos melhores animais.

## **Referências**

- Ginja, M.M.D., Silvestre, A.M., Ferreira, A.J.A., Gonzalo-Orden, J.M., Orden, M.A., Melo-Pinto, P., Llorens-Pena, M.P., Colaço, J. 2008. Passive hip laxity in Estrela Mountain Dog--distraction index, heritability and breeding values. *Acta Vet. Hung.* 56, 303–312.
- Ginja, M.M.D., Silvestre, A.M., Colaço, J., Gonzalo-Orden, J.M., Melo-Pinto, P., Orden, M.A., Llorens-Pena, M.P., Ferreira, A.J. 2009. Hip dysplasia in Estrela mountain dogs: prevalence and genetic trends 1991-2005. *Vet. J.* 182, 275–282.